

Discreta, quase tímida, pouco falava dela mesma. Penso que guardava a vida para contar na gravura. Cortava a madeira como se escrevesse um diário onde registrava as coisas que aconteciam e as coisas que ela gostaria que tivessem acontecido. Sua obra é como um livro impresso em xilogravura, um belíssimo livro de anotações de um cotidiano por ela reinventado a partir de uma ótica fantástica em que o real e o imaginário se confundem. Para ela, era tudo verdade. Para mim, era tudo mágico. São centenas de gravuras, de um vasto universo temático que vai da telenovela à oficina mecânica do bairro, da Assembléia Constituinte à história de Adão e Eva.

Tive a sorte de com ela conviver por muitos anos, mais de dez, no Atelier de Xilogravura da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Nem posso dizer que fosse, mais, minha aluna, tão pouco, agora, tinha a lhe ensinar. Carinhosa, sensível e delicada, todos gostavam muito dela. Artista versátil, gravava, desenhava, pintava, fazia música e poesia. Modesta, disso também pouco falava. Despojada de qualquer vaidade em relação ao valor do seu trabalho, só participava de exposições por insistência dos amigos. Apesar de seu grande talento, não teve o reconhecimento que merecia. Sua ingenuidade no lidar com as coisas mais práticas aliada a seu temperamento nada ambicioso - o sucesso nunca lhe importou - talvez tenham contribuído para isso. De qualquer forma, circunstância alguma pôde impedir que ela fosse uma grande artista.

A exposição de Thereza G. de Mello na Sala de Imagem Gráfica é uma homenagem de seus amigos da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Com muita saudade.

Júlia Carolina